



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12923 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PESQUISA-DOCÊNCIA E A PARTILHA DE UM SENTIR COM OS BEBÊS

Natasha Pitanguy de Abrantes - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Daniela Guimarães - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PESQUISA-DOCÊNCIA E A PARTILHA DE UM SENTIR COM OS BEBÊS

Resumo:

Este trabalho apresenta considerações de uma pesquisa de mestrado que tem como centralidade os encontros em uma turma com bebês de 6 meses a 1 ano e 6 meses, em uma creche pública do Rio de Janeiro. Aposta na possibilidade política de composição pesquisadora-professora e no entrelaçamento docência, pesquisa e vida. Metodologicamente, inspira-se na cartografia para acompanhar e visibilizar as miudezas dos encontros cotidianos entre bebês e adultos na creche. Os conceitos de exotopia e alteridade de Bakhtin (2011) contribuem no desafio da pesquisadora-professora, no sentido de tornar-se outra de si mesma. A pesquisa tem como interlocutores principais Mikhail Bakhtin (2011) e Daniel Stern (1992) que apoiam a reflexão sobre a dimensão relacional constituinte dos bebês e da professora-pesquisadora. O resultado aponta para o afeto e suas manifestações expressivas, tais como olhares e sorrisos, considerando-o dimensão central na constituição interpessoal e na ação pedagógica na creche.

Palavras-chave:

Bebês; Creche; Afeto; Relações

O presente trabalho apresenta considerações de uma pesquisa de mestrado que investiga os encontros da adulta-professora com os bebês em uma creche pública do Rio de Janeiro, a fim de compreender como as miudezas que se dão “entre dois” estão implicadas na invenção de si e de mundo por parte dos bebês e podem adensar as discussões acerca da construção de uma docência afetiva.

Uma especificidade, que é também uma discussão da pesquisa, é a proposição da composição pesquisadora-professora, assumindo-a em uma perspectiva política, no entrelaçamento docência, pesquisa e vida (SANTOS, 2007, 2008; BRAGANÇA E VIEIRA, 2020). No município em tela, percebe-se a supressão gradual dos berçários nas instituições de Educação Infantil públicas. É cada vez mais incipiente o incentivo para a docência com os bebês. Portanto, trata-se de olhar para a experiência da docente-pesquisadora atravessada por essas reflexões, assumindo-a como legítima, tanto na perspectiva de formação da professora-pesquisadora, quanto dos que lerão, afetando outros professores e práticas e contribuindo nas discussões do campo da Educação Infantil, destacando, ainda, um certo modo de conceber a pesquisa e a implicação do pesquisador.

Durante o percurso do mestrado, foi se contornando a possibilidade de viver uma pesquisa acadêmica no próprio ambiente de trabalho. As discussões e os estudos, no grupo de pesquisa e nas disciplinas, alteravam a prática docente, assim como a prática docente provocava ondas que faziam a pesquisa fluir. Por que não (sim) pensá-las em composição? É mister acrescentar que a pesquisa acadêmica exige uma densidade, um rigor e, ir de encontro a ela, propondo a composição pesquisa-docência, sugere ir em busca de suas especificidades. Nesse caminho, o convite de Alves (2008): “narrar a vida e literaturizar a ciência”, ressoou na construção do trabalho que se propôs a trazer as miudezas do encontro, do lugar de quem vive, assumindo o compromisso com a ciência e com a vida. A proposição do hífen, pesquisa-docência, surge como uma expansão alternativa às dicotomias tão presentes em nossa sociedade tais como corpo e mente, razão e emoção, educar e cuidar e dialoga com o desejo de que a docente e a pesquisadora possam estar com os bebês, investigando, encontrando, compartilhando um sentir, produzindo conhecimento e mundo.

Para isto, apropriamo-nos da cartografia como inspiração metodológica que possibilitou acompanhar e visibilizar os encontros cotidianos. Passos, Kastrup, Escóssia e outros (2009) traçam reflexões e pistas para o procedimento cartográfico, apostando em um método para ser vivido e não aplicado. Para tornar-se cartógrafo é preciso: “praticar, ir a campo, seguir processos, lançar-se na água, experimentar dispositivos, habitar um território, afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita, sempre levando em conta a produção coletiva do conhecimento” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA et al., 2009, p. 203).

A cartografia considera, também, a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir. Nesse sentido, com a intenção de investigar a qualidade relacional dos encontros na creche, construímos dispositivos, materializados nos contextos, com materiais, espaços e tempos oportunizados, aliados às observações atentas e aos registros dos efeitos das

disposições que organizamos nas ações e relações. Este foi um primeiro momento de campo da pesquisa-docência que se deu em 2022, ano em que a pesquisadora esteve como professora na turma de bebês.

Sobre este primeiro momento, é importante salientar que a proposição de contextos, caracteriza-se por uma ação menos diretiva e mais aberta ao que pode emergir nos encontros, ou seja, organização de espaços, tempos, materiais e modos de gestão dos bebês que os convidam a interagir, trocar, experimentar (FORTUNATI, 2009). De outro lado, no que diz respeito aos registros, as fotografias e vídeos se apresentaram como potente recurso metodológico pois permitiram captar as miudezas comunicativas, expressivas e relacionais de bebês e adultos.

Um segundo momento do campo (2022 e 2023) contemplou a cartografia do conjunto de registros produzidos em 2022. Os registros em forma de escrita, áudio, fotografia e vídeo, foram revistos, organizados em diferentes constelações e, posteriormente, analisados e narrados afetivamente e inventivamente, revelando processos de constituição de sentidos compartilhados e permitindo o adensamento da reflexão sobre a docência com bebês e sobre o lugar central do afeto nas relações.

O movimento da pesquisa é colocar uma lupa no cotidiano, olhar para os encontros íntimos compartilhados em uma creche, considerando-os como possibilidades de experiências intersubjetivas relacionadas com os processos, em constante devir, de constituição subjetiva dos bebês, dos adultos, construção de mundo e de algo comum. Aponta para a dimensão central do afeto nos encontros, para a partilha de um *sentir com* entre pesquisadora-professora e bebês, para a atenção às miudezas que se apresentam como constituintes de cada um, do nós e das especificidades da docência com bebês, alargando, deste modo, as discussões do campo da Educação Infantil que têm sinalizado a relação como marca dessa docência (ROCHA, 2001; DUARTE, 2011; GONÇALVES, 2014; SCHMITT, 2014, entre outros).

Com Bakhtin (2011) e os conceitos de exotopia e alteridade, encaramos o desafio do tornar-se o outro de si mesmo, em um movimento de olhar para além do momento de imersão com os bebês. Apesar da impossibilidade do distanciamento e considerando o quanto pesquisadora e professora estão em composição, novas camadas de atenção foram colocadas em cena cooperando no movimento de constituição de uma pesquisa acadêmica.

Bakhtin (2011), além de referencial metodológico, é também referencial teórico. Os estudos deste autor, no campo da Filosofia da Linguagem, convocam a olhar para o sujeito em relação com o outro, para os processos de constituição de si nas relações e para o lugar fundamental da linguagem na vida e da vida na linguagem, sempre como criação. Com Bakhtin (2011), é possível pensar como os bebês estão se apropriando da linguagem e se engajando nos elos da cadeia discursiva nesse processo contínuo de constituição de si e de mundo, incluindo, a própria linguagem em suas manifestações pré-verbais e verbais.

Outro interlocutor, Daniel Stern (1992), no campo da Psicologia do Desenvolvimento, destaca a dimensão afetiva da experiência relacional, particularmente em um plano pré-verbal. Sublinha um bebê social desde um período mais inicial da vida e o elo entre experiência subjetiva e vida social. A partir do seu trabalho destaca-se a *partilha de um sentir*, de um “*estar com*” o outro, *afetivamente*; ou seja, um exercício afetivo, poético e metafórico implicado com a qualidade sensível das relações entre adultos e bebês.

No contraponto da Psicologia do Desenvolvimento de inspiração moderna, etapista e universalizadora dos percursos humanos, a perspectiva de Stern (1992) focaliza uma interpessoalidade fundante, a ênfase na qualidade afetiva da experiência humana, no sentido do afetar e ser afetado, desde o nascimento. Nas palavras de Guatarri (1992), Stern propõe um caráter polifônico da subjetividade, discriminando, de modo não hierárquico e nem num plano de superação, diferentes sentidos de si e domínios do relacionar-se que se constituem paulatinamente na experiência do bebê com o mundo, coexistindo ao longo de toda a vida.

Para este trabalho, trazemos um excerto da pesquisa, escritas afetivas e inventivas da partilha de um sentir entre pesquisadora-professora e bebês, em um movimento de dobra sobre si, no processo de cartografar os registros.

Escondendo e aparecendo: eu com os bebês, eu com Maria Flor

Sentada na sala da Turma E111, canto algumas canções, acompanhando-as com um caxixi. Alguns bebês se aproximam, movimentam o corpo em sintonia comigo e com as canções. Alguns se afastam se envolvendo em outras ações, alguns se movem na minha direção.

Há quem não esteja tão perto e, mesmo assim, vez ou outra, me encontra com o olhar.

O fluxo de se aproximar e se afastar é caracterizador deste momento.

Maria Flor, num dado instante, mais afastada de mim, para e fica um tempo olhando em minha direção. Percebo-a me olhar. Olho de volta. É como se seu olhar me puxasse, cada vez mais profundamente.

Alguns bebês estão entre nós. Olho-os também, multiplicando-me na troca de olhares.

Sinto-me ser puxada cada vez mais intensamente pelo olhar de Maria Flor, distante corporalmente de mim, mas em elo.

Movimento o meu pescoço buscando o seu olhar.

Maria Flor se inclina também. Penso (sinto) que o puxar-se está se dando em sintonia. Forças de um lado e de outro lado que possibilitam um encontro, estamos nos puxando mutuamente.

Um brincar de esconder e aparecer se cria entre nós, pendulando com o corpo de um lado para o outro, como em uma dança.

Sinto o tempo paralisar e o que começou com um olhar mútuo ganha novos contornos: olhar mútuo, gestos compartilhados, corpos em pendulação e dois sorrisos que explodem, em sintonia.

O registro em destaque traz à cena o *olhar mútuo*, uma miudeza do estar com (o outro). Além deste, outros registros evidenciaram a centralidade do olhar – sustentando a conexão afetiva, a experiência do bebê e da adulta pesquisadora-professora com o mundo e consigo. O olhar penetra, toca, provoca, desloca. Possibilita o estar com o outro, em sintonia também com o seu afeto, o que requer investimento, um deixar-se ser olhado e olhar, compartilhando a experiência com o outro. Trata-se de uma experiência intensa no estar (sentir) com, em um tempo que é o agora e, que também, pode ser compreendida em sua dimensão alteritária, constituinte, na medida em que ao ver o outro, o bebê e o adulto vivem experiências de si.

O fragmento expressa uma experiência mutuamente criada e uma auto experiência permeada de movimentos e crescendos que também podem ser lidas em termos de *afetos de vitalidade* (STERN, 1992). Para Stern, um processo que surge bem cedo na vida, de grande motivo de atenção, é nomeado como afetos de vitalidade: uma qualidade sentida da experiência mais bem capturada por termos cinéticos e verbos no gerúndio como surgindo, crescendo, explodindo, enfraquecendo. Os afetos de vitalidade pertencem ao domínio da experiência afetiva e podem ocorrer ou não com os afetos categóricos (raiva, alegria, tristeza). Essa qualidade, de importância cotidiana, pode ser experienciada, desde bem cedo na vida, tanto interiormente quanto no comportamento de outras pessoas, no encontro com o mundo.

O bebê percebe, já nos seus primórdios, os afetos de vitalidade que acompanham os atos. Os estudos de Stern (1992) colocam luz sobre a dimensão relacional e afetiva nos processos intersubjetivos e subjetivos. Outros conceitos, que dizem respeito às dinâmicas interpessoais constituintes, destacados pelo autor, tais como *atenção conjunta* e *sintonia do afeto* ressoam nesta pesquisa. O estar atento à atenção do outro e ao que se passa conosco e, o compartilhar afetivamente responsivo, ampliam o existir, o estar com o outro e podem ressignificar a ação pedagógica com os bebês.

As observações dos *miúdos das relações* deram o tom nessa pesquisa que tensionou a qualidade do estar com o outro na creche e convidou a atentar para os *comos* da relação nesse espaço, na trilha de investigar os processos constituintes (em constante devir) e, as especificidades e potencialidades da docência com bebês. Como resultado, aponta para o afeto e suas manifestações expressivas, dentre elas, olhares e sorrisos, como dimensão central na constituição interpessoal e na ação pedagógica na creche.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In: Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. 3.ed. Petrópolis: DP et Alli, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BRAGANÇA, I. F. S., VIEIRA, J. **Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica e a escrita de cartas como modo de dizer-ser**. São Paulo: Crítica Educativa, 2020.
- DUARTE, Fabiana. **Professora de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2011.
- FORTUNATI, Aldo. **A educação infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato**. Porto Alegre: Artemed, 2009.
- GONÇALVES, Fernanda. **A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche: uma análise da produção científica recente**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2014.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, Eloisa. A pedagogia e a educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 16, p. 27 – 34, 2001.
- SANTOS, B. de S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In: Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 78, p. 3-6, 2007.
- SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as Ciências**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente**. Tese (Doutorado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2014.
- STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.